

MILLÔR FERNANDES, SINÔNIMO DE ABSOLUTO

POR VERA DE SOUZA E SÉRGIO COSTA

Está para nascer quem seja capaz de descobrir o que Millôr Fernandes não sabe fazer excepcionalmente bem. **Carioquice** não quer massagear o ego do gênio, até porque ele não precisa. Millôr é descaradamente um consenso nacional. Na orquestra da cultura, ele toca violino, tuba, acordeão e pandeiro, ou seja, traduz, escreve, pinta, satiriza, filosofa etc. Chega a ser assustador. É o Leonardo Da Vinci que reencarnou na República de Ipanema.

Várias são as definições dadas por Millôr ao seu alter-ego Emanuel Vão Gôgo. A primeira, mais evidente, é a homenagem ao pintor Van Gogh. Mas essa *persona* já lhe rendeu muitas boas histórias, como a de uma vez em que Millôr foi convidado a participar de um programa de rádio, às 10 da manhã, em um Teatro Carlos Gomes lotado.

“Imagine qual poderia ser a audiência de um programa de auditório nesse horário”, lembra. Ao ser apresentado à platéia citaram o seu famoso personagem. Explicando a referência a Van Gogh, começou dizendo que se tratava de um pintor flamengo. O público foi ao delírio e o animador disse a Millôr: “agora que já conquistou a platéia, vai em frente.”

Na sala da tradicional cobertura de Ipanema, onde nos recebeu, chama a atenção um grande

aparelho de TV ligado e sem som. Millôr diz que prefere assim, para ver a atuação dos atores. Ao chegarmos, ele assistia “Monster”, com Charlize Theron, e destacava o talento da atriz. Ele nos conta que gosta muito de filmes de aventuras, especialmente os que mostram grandes escaladas, como a do Himalaia.

“Não sei como eles fazem aquilo, pois o filme dá uma impressão angustiante. São uns aventureiros, estão arriscando a vida. Eu já li três livros escritos por pessoas que fizeram escaladas. Não sei qual é o milagre, mas todos escrevem magnificamente. Acho que aquilo deve acender uma luz qualquer. Mas eu não quero subir lá para ser escritor, não. Quero subir a montanha e descer lá de esqui. E eu não faço nada, sabedoria de poltrona”.





Maior de idade aos 13 anos

“Foi uma sorte inaudita... Hoje vejo rapazes com 18, 25 anos, que nem sabem o que vão fazer. Eu já nasci jornalista. Meus pais eram muito pobres, então eu fazia de tudo. Comecei a traduzir histórias em quadrinhos, ia vinte e cinco vezes ao dicionário, preenchia (os balões). Ia à oficina, brincava com os gráficos... Hoje você estuda, faz o curso e entra em uma bitola no jornal”

Millôr, a saga, começa no bucólico Méier, em 16 de agosto de 1923 — mas oficialmente, apenas em 27 de maio de 1924, quando foi registrado.

“Naquele tempo era um bairro quase rural. A nossa casa era típica de classe média, com quartos de sete metros. Eram dois em cima, um embaixo, sala, cozinha, mais um quintal que não era grande não, uns 50 ou 60 metros quadrados. Aí meu pai morreu. Eu tinha um ano e minha mãe, com 27 anos, já tinha quatro filhos. Imagine, uma mulher sem experiência. E desemos para o proletariado. Tivemos que alugar uma parte da casa e minha mãe começou a costurar para fora. Ela morreu nove anos depois, com a mesma idade de meu pai, 36 anos. Aí fomos para o brejo. Viramos lúmpen. Eu tinha 10 anos, o Hélio (Hélio Fernandes), meu irmão, 12. Uma de minhas irmãs tinha 16. Aí teve aquela coisa maravilhosa de novela: minha mãe, no leito de morte, chamou-a e pediu que se casasse. Foi o que ela fez e passou a cuidar de nossa irmã mais nova. Fui cuidar de mim, com ligeira proteção.”

O irmão Hélio, o mesmo que depois se tornaria o polêmico diretor da Tribuna da Imprensa, caiu na vida mais cedo, trabalhando até como garçom.

“Ele é um gênio em certas coisas. Quando ia servir café, virava a xícara no ar e ganhava umas gorjetas. Foi o maior jogador de sinuca que eu já vi. Nós jogávamos na Lapa. Eu era medíocre. Ele era aquele sujeito que apostava 10 e quando estava perdendo por uma diferença de 41 pontos, apostava mais 10. Jogávamos no Café Indígena, era numa esquina da Lapa, pegado ao instituto de música. Ele arriscava a bola sete várias vezes, acertava, virava o jogo. Ganhava sempre. Naquela época eu não fazia nada, estava estudando para ganhar a vida.”

Da infância e adolescência, as lembranças mais ternas ficam para uma professorinha. “Eu morava numa rua pequena, entre as ruas Joaquim Méier e Isolina. Mas agora não existe mais nada daquela época, nem a casa. Primeiro reformaram e ficou uma porcaria, depois construíram uma coisa lá e eu não tinha interesse em ver. Estudei num



Ao lado, capa do primeiro número da Pif Paf, de maio de 1964. Acima, contracapa da Pif Paf nº 8, de agosto de 1964

colégio ali perto, a Escola Ennes de Souza, entre 1931 e 1935. A minha professora, Isabel Mendes, que me ensinou tudo, era uma mulatinha, velha. Digo velha porque eu tinha sete anos e ela devia ter 18 ou 20 anos, magrinha. Tudo o que aprendi foi lá com a professora. Depois que minha mãe morreu, em 1935, fui estudar no Padre Antônio Vieira, onde fiz o quinto ano”.

Da Escola Ennes de Souza, Millôr diz lembrar-se muito bem: “Era um colégio grande para mim, era uma casa antiga com uma varanda enorme em volta, num terreno grande com mangueiras. Veja só como o mundo mudou e as pessoas não percebem. Por exemplo, não havia merenda escolar e naquela época ninguém pensava que o Estado tinha obrigação de fornecê-la. Melhorou muito, e a melhora trouxe também os protestos. As pessoas passaram a querer mais. É o que eu falo do movimento feminista: você deu e cada vez a mulher quer mais e tem que querer mesmo. Sai de baixo!”

Com pouco mais de 13 anos, pelas mãos de

um tio, começou a trabalhar como contínuo em uma pequena revista que tinha a redação na rua Treze de Maio e rodava apenas dez mil exemplares por mês. O nome? “O Cruzeiro”.

“Foi uma sorte inaudita... Hoje vejo rapazes com 18, 25 anos, que nem sabem o que vão fazer. Eu já nasci jornalista. Meus pais eram muito pobres, então eu fazia de tudo. Comecei a traduzir histórias em quadrinhos, ia vinte e cinco vezes ao dicionário, preenchia (os balões). Ia à oficina, brincava com os gráficos... Hoje você estuda, faz o curso e entra em uma bitola no jornal.”

O tio, Antonio Viola, um entre os dez irmãos e irmãs de sua mãe, era chefe da rotogravura de “O Cruzeiro”. O outro chefe, de artes gráficas, era o seu Noronha, pai de Sérgio Noronha. Antonio Viola foi também o responsável pela publicação do primeiro desenho de Millôr, aos dez anos de idade, em “O Jornal”. A cena era bucólica: uma pastorinha, uma ovelhinha do lado... Nada a indicar o traço demolidor que, anos mais tarde, levaria à raiva e à loucura os poderosos. “E eu ainda recebi dez mil réis. Ou seja, nunca trabalhei sem ganhar dinheiro.”

O que ganhava no primeiro emprego mal dava para comer. Um dia, do alto de sua adolescência, pediu que triplicassem o salário. “Fizeram uma reunião e me deram um aumento. Com este dinheiro saí do Méier e fui morar no centro da cidade, em uma pensão. Era uma vida muito agradável, cheia de gente. Pagava a pensão e o meu colégio. Ainda assim, à noite, não tinha dinheiro para comer. Mas pelo menos um dia na semana, aos domingos, eu comia muito bem, na casa de uma de minhas tias, que eram todas italianas.”

Bastou mudar para o Centro para se meter a aprender a nadar sozinho, em um trecho próximo ao Obelisco, no final da Avenida Rio Branco. “O mar batia bem mais perto. Tinham aquelas pe-

dras, mergulhava ali. Aquelas ondas enormes que se vê em fotografias antigas, vinham dez ondas ali na praia do Flamengo, que era muito estreita. Então esperava quando acalmava, nadava e ficava lá fora. Eu não tinha medo. Aí, quando queria sair, esperava vir uma onda mais calma.”

Depois jogou tênis, e até lutou boxe. “É uma coisa curiosa: sempre fiz esporte individual. Nunca fui de me meter em multidão. Num time de futebol, por melhor que seja, sempre tem cinco que não sabem jogar.”

Mesmo antes de se transformar, anos depois, na revista de maior circulação da história da imprensa brasileira, “O Cruzeiro” já era um local de romaria, uma espécie de meca a atrair as mais variadas figuras.

“Quem não tinha o que fazer ficava conversando com um menino que estava ali. No caso, eu. Foi assim com o Gago Coutinho (geógrafo, aviador e almirante, descobridor do sextante e realizador da primeira travessia aérea entre Rio e Lisboa), que era um velhinho baixinho, com seus oitenta anos. Outro foi o único regicida brasileiro, Manso de Paiva (que em 1915 matou Pinheiro Machado, candidato a presidente da República e ficou 20 anos preso). Eu nem sabia de quem se tratava. Costumo dizer que eu nunca conheci ninguém famoso, e não é à toa.”

A redação tinha uns poucos metros de largura. Millôr começou a montar um arquivo fotográfico nas gavetas, e nem havia dinheiro para comprar envelopes. “Eu aproveitava os que chegavam com fotos de companhias de cinema. E assim começou aquele que se tornaria o maior arquivo da América do Sul. Veja que coisa curiosa. Ficamos ali muito pouco tempo. Logo depois, quando a revista já tinha sido comprada pelo Assis Chateaubriand, fomos para a rua do Livramento.”

Em 1938, com o cancelamento de algumas páginas de publicidade em “A Cigarra”, a solu-

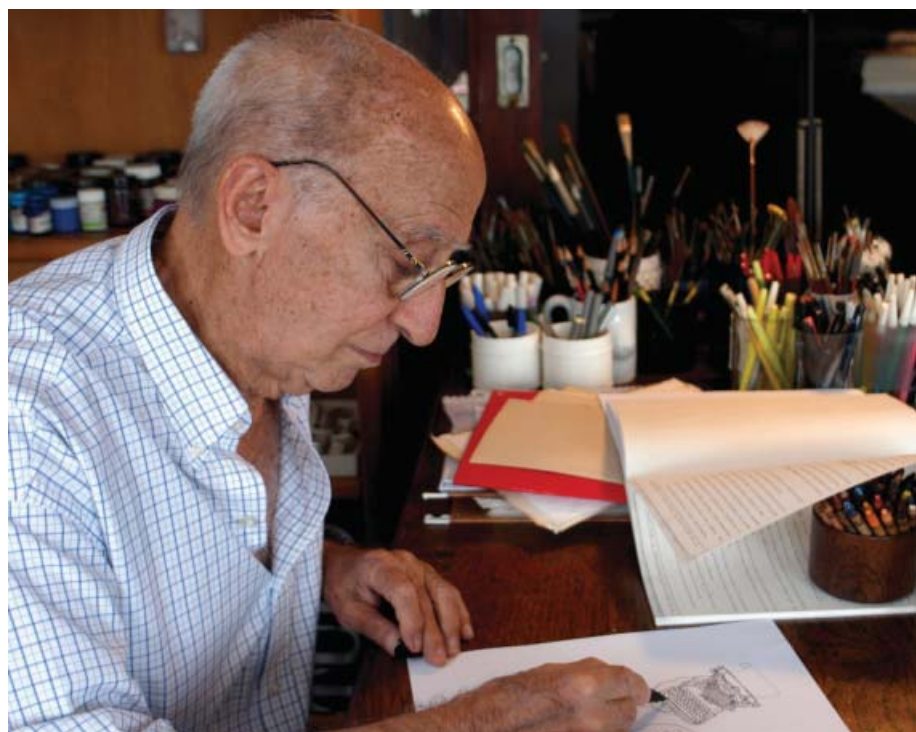
ção para a minúscula revista foi recorrer ao ex-contínuo, arquivista, recepcionista e faz-tudo que, à noite, já estudava no Liceu de Artes e Ofícios, aprimorando os traços do desenho. Cria a seção “Poste Escrito”. Assinado: Vão Gôgo.

“O Vão era para inútil, tolo; Gôgo é uma doença de galinha; e Emanuel era o Emmanuel Kant, o filósofo. Mas nem eu sabia o que estava fazendo.”

O sucesso da seção faz com que ela passe a ser fixa e, pouco depois, Millôr ocuparia a direção da revista. Volta a “O Cruzeiro” e, em 1945, inicia a publicação de seus trabalhos na seção “Pif-Paf”, com o pseudônimo de Vão Gôgo.

Com pouco mais de 20 anos Millôr já estava morando na orla e ganhava o maior salário da imprensa. “Comprei até automóvel, que ninguém tinha. Eu trabalhava, como todos, até aos sábados, das oito da manhã até quando desse. Jornalismo é assim. E ainda não existia esse negócio de semana inglesa.”

Mas nas poucas horas vagas, praia – e tempo até para presenciar o nascimento do frescobol, cuja paternidade ele prefere negar, apesar dos mais variados testemunhos.



“Eu morava na Avenida Atlântica, esquina com Rua Bolívar. O Sérgio Porto também morava em Copacabana e nós ficávamos na praia por ali, com a turma do Carlinhos Niemeyer. Um dia surgiu, nem sei como, uma raquete de madeira com uma espécie de elástico e uma bola na ponta. Era uma coisa francesa chamada *la pelote basque*. Logo depois alguém tirou aquilo e começou a jogar com a raquete. Precisava ser macho para pegar nela”. E assim estava criado o frescobol, esporte que Millôr define como o “único com espírito esportivo, sem disputa formal, vencidos ou vencedores”.

No final de 1963, em viagem a Lisboa, Millôr se descobriu desempregado. Tinha sido — depois de 25 de trabalho e um salto de 10 mil para 750 mil exemplares — demitido de “O Cruzeiro” por ter publicado uma reportagem especial sobre “A verdadeira história do Paraíso”.

Na volta ao Brasil, depois de um jantar de desagravo, onde estavam representantes de todos os órgãos de imprensa, começou a germinar a idéia de transformar as duas páginas de “O Cruzeiro” em publicação mensal. Os jovens

amigos Claudius, Fortuna, Sérgio Porto, Ziraldo e Jaguar pressionaram Millôr a criar uma nova publicação. E, em maio de 1964, veio à luz a revista “Pif-Paf”. Era o início da imprensa alternativa.

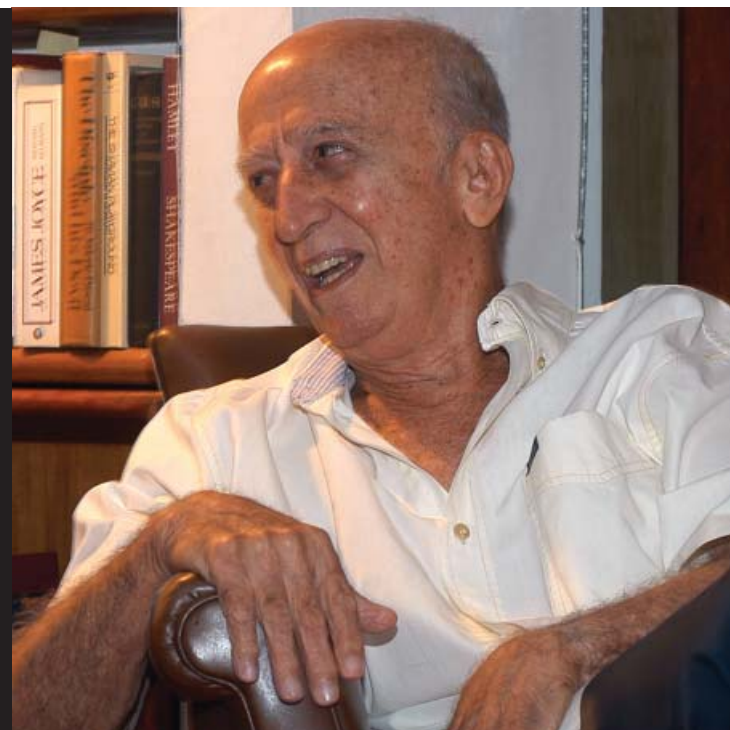
Desde o primeiro número contou também com colaborações de Marcos Vasconcelos, João Bethencourt, Rubem Braga, Reynaldo Jardim, Leon Eliachar, Johnathan Swift, Campos de Carvalho, Don Rossé Cavaca. Além de Yllen Kerr, na fotografia e Eugênio Hirsch, na parte gráfica.

“A publicação durou apenas quatro meses. Foi fechada, morreu, antes de qualquer crise interna”, conta Millôr, que recentemente esteve na noite de autógrafos do reedição dos oito números de “Pif-Paf”, pela Argumento. O último número trazia uma advertência na contracapa: “Se o governo continuar deixando que circule esta revista, dentro em breve estaremos caindo numa democracia”.

Junto à atuação prolífica no jornalismo, Millôr é autor de dezenas de livros, peças teatrais, roteiros para cinema, tradutor, desenhista. Enfim, um intelectual multidisciplinar. “Quando fiz o meu

As duas faces da “bufunfa”

“Não há possibilidade de eu fazer nada por dinheiro. Mas não faço nada sem dinheiro. Fui procurado para fazer o painel da Praça Sarah Kubtischek. Cobrei 35 mil reais. Esse preço módico é o que um cantor popular cobra para cantar, na praia, uma música como faz todo dia no banheiro. E ainda acha pouco”



site, fui conferir: fiz 117 espetáculos. É um trabalho de risco, e quase não depende de você, mas sim do diretor, dos atores, das circunstâncias. Vários deles levaram quatro anos pelo Brasil afora. Mas agora a Renata Sorrah pediu para que eu fizesse Medéia, a Bia Lessa pediu outra peça. Mas não dá dinheiro nenhum. Não compensa mais trabalhar em teatro.”

“Dinheiro não é tudo. Tudo é a falta de dinheiro”, bem disse Millôr em um dos números da “Pif-Paf”. “Não há possibilidade de eu fazer nada por dinheiro. Mas não faço nada sem dinheiro. Fui procurado durante um ano para fazer aquele painel da Praça Sarah Kubitscheck. Resolvi fazer, a Prefeitura ia pagar e cobreí trinta e cinco mil reais, inclusive escrevendo a memória e explicando do que se tratava a obra. Esse preço módico é o que um cantor popular cobra para atravessar a rua e cantar, na praia, uma música como faz todo dia no banheiro. E ainda acha pouco.”

A cobertura de Ipanema, comprada em 1954, é um ícone da história da cidade. Era de lá que Millôr observava a construção da futura ciclovia e escrevia sobre ela. “A última vez que eu briguei pelo Rio, mas todo dia, foi contra a ciclovia. Inventaram isto como se estivéssemos na Holanda. Já naquela época era consenso de que não se construía ciclovia na passagem de grandes multidões. E aqui no Rio o movimento é de um milhão de pessoas. Arrancaram quinhentas e oitenta e três árvores. E um dos autores do projeto ainda escreveu um artigo dizendo que eu estava fazendo isto em benefício próprio. Imagine, aquelas árvores raquíticas... Eu o chamava de proxeneta de mico leão dourado.”

E as baterias também foram disparadas contra a especulação imobiliária. “Reclamei muito do Tiffany’s, que está aqui na minha frente. Na Lagoa já tem o edifício Portinari, que tem trinta andares. Aqui, não. Fiz campanha contra no que



começaram a construção. E os verdes ficaram contra mim... Aqui o gabarito era de apenas oito andares, construíram vinte e um... Então, é uma cidade que teoricamente deveria ter um tratamento especial por causa da beleza natural cantada em prosa e verso. Mas só não cobriram o que não puderam cobrir O arranha-céu deu certo foi em Nova York.”

Perguntado sobre o Rio em seu benefício próprio, Millôr é taxativo: “Só com pequenas bombas atômicas setoriais. Deveríamos era ter uma lei limitando a altura dos edifícios a quatro andares. Em outras áreas, cinco, seis andares. Mas arranha-céu, nem falar. Na Barra da Tijuca, existem edifícios de quatro andares onde são quatro, oito donos, que escolhem a fachada do prédio. Não é essa coisa padronizada. E as ruas são largas, com muita vegetação. Porque não podia ser feito isto? Quando vim morar em Ipanema, ainda eram quatro andares. E eram sobre pilotis, uma idéia poética, mas que virou uma porcária. Só que em vez de edifícios pequenos, os edifícios foram construídos com vinte. E com

As feias que me perdoem

“Uma característica da carioca é a de viver mais nua do que qualquer outro povo, pela própria natureza. As meninas hoje saem literalmente nuas na rua, porque têm um corpo muito bonito. Qualquer audácia delas sempre será bem-vinda... Mas vem a contrapartida. Com a idade mais avançada não fazem o mesmo sucesso, porque a concorrência é brutal”



as grades, essa monstruosidade, os edifícios avançaram. Mas essas coisas são irreversíveis. Você acha que consegue acabar com as grades, com os esquemas de segurança particular? Iam acabar seqüestrando a gente.”

Sobre seus hábitos, Millôr conta que tem uma vida muito divertida. “Acordo religiosamente às seis horas da manhã, seis dois pontos zero zero, durma a hora que eu dormir. Mal me recordo de estar apenas sentado na praia. Sempre fiz alguma coisa. Na minha época, quanto não tinha surf, pegava jacaré, jogava frescobol. Ando muito na rua à noite. E a praia que eu vou é a de antigamente. Às vezes vou andar no Jardim de Alah, é um paraíso. O tráfego de longe, você vê o Corcovado, sem um prédio na frente. Mas a praia sempre foi vital para mim. Como acordo muito cedo, quando vou à praia é às sete, sete e meia da manhã. Em certo momento da minha vida todo o meu objetivo era me livrar da classe média... E nesta hora a classe média já está saindo.”

Pausa para a luta de classes — e contra o feminismo: “A classe média é um espírito de

determinada economia e um estado de espírito. Têm pessoas que vivem nesta classe social e de repente adquirem outra visão do mundo, outro comportamento. Mas todo ano tem aquela safra das que dormem meninas e amanhecem mulheres. E aí não tem classe social. É um privilégio... A Rose Marie Muraro que não me ouça... Aliás, uma característica da carioca é a de viver mais nua do que qualquer outro povo, pela própria natureza. As meninas hoje saem literalmente nuas na rua, porque têm um corpo muito bonito. Qualquer audácia delas sempre será benvinda... Mas vem a contrapartida. Com a idade mais avançada não fazem o mesmo sucesso, porque a concorrência é brutal”.

Como em seu texto “O Carioca é. Antes de Tudo”, publicado em 1978 no livro “Que país é este?”, Millôr descreve o espírito: “não há deuses e nada é sagrado no Olimpo da sacanagem”. E que o verdadeiro carioca, “que não acredita em nenhuma das babaquices com que o definem”, é antes de tudo, e acima de tudo, um lúdico. Como ele próprio, Millôr. ■